

A evolução e as urnas

Pesquisadora brasileira defende que, por terem um ancestral comum, homens e outros primatas apresentam comportamentos sociais muito parecidos. E um exemplo é a semelhança entre o processo eleitoral e a escolha do líder entre os chimpanzés

» PALOMA OLIVETO

Elas querem a liderança e, para isso, vão tentar ganhar a simpatia dos demais. A força física é o que menos importa: essencial é fazer alianças e coalizões. No embate com rivais, estão sempre munidos de um arsenal e não pensam duas vezes antes de humilhar e subjugar os inimigos. Poderiam ser políticos em busca de votos. Ou macacos atrás de território e altos postos hierárquicos.

Há cerca de 7 milhões de anos, homens e chimpanzés compartilhavam um ancestral, que também deu origem aos outros grandes primatas — gorilas, bonobos e orangotangos. De lá para cá, muita coisa mudou, com as espécies evoluindo cada qual à sua maneira. Mas, separados por apenas 1,6% do DNA, humanos e chimpanzés jamais se desvencilharam de suas raízes comuns. Em todas as relações sociais complexas, elas estão presentes, e um bom exemplo disso é o período eleitoral.

Depois de anos trabalhando como jornalista em campanhas políticas, responsável pela produção de programas de tevê para o horário eleitoral gratuito, Tatiana Gianordoli decidiu pesquisar o comportamento dos candidatos usando uma abordagem diferente. “O objetivo da minha pesquisa foi analisar os aspectos das campanhas televisivas, buscando compreendê-las a partir das informações sobre o comportamento animal, tomando como ponto de partida os conceitos de Darwin acerca da teoria da evolução”, conta.

A primeira investigação acadêmica foi para a monografia de um curso de especialização. Tatiana se debruçou sobre a campanha ao governo do estado do Espírito Santo de 1994. Em seguida, veio o mestrado e, por fim, no doutorado, na PUC-SP, a pesquisadora analisou o discurso dos candidatos e suas aparições na tevê sob a luz da etologia, o estudo do comportamento natural de uma espécie animal. A hipótese, que virou tese, era a de que os processos de comunicação — em particular, as campanhas políticas — são apoiados em uma herança ancestral típica de primatas superiores. “Alguns padrões de comportamento humano repetem aspectos semelhantes aos padrões mais básicos dos primatas, como, a presença de líderes e a estratificação do sistema em níveis ou segmentos”, observa Jorge de Albuquerque Vieira, professor aposentado da UFRJ e da PUC-SP, que orientou a tese.

Assim como os chimpanzés, os homens e, no caso das pesquisas de Tatiana, os políticos organizam-se em grupos, buscam o maior posto da hierarquia, fazem alianças e precisam, para conquistar

o poder, que os demais reconheçam neles o papel de líder que influencia os demais. Nesse processo, é necessário criar vínculos. “O líder dos chimpanzés não pode impor sua liderança no grupo sozinho. Sua posição é garantida a ele, em parte, pelos outros”, observa o primatólogo Frans de Waal, professor da Universidade de Emory e autor de um clássico nessa área, o livro *Chimpanzee politics: power and sex among apes* (*Chimpanzés políticos: poder e sexo entre primatas*, em tradução livre). Para quem acha estranho que antigos inimigos de pleito se abracem em público, De Waal observa que, entre macacos, ocorre o mesmo: “Depois de um conflito, os oponentes se atraem como ímãs”, escreveu.

Vínculos e ataques

Nas campanhas eleitorais, Tatiana Gianordoli observou que a propaganda gratuita televisiva é o momento em que os candidatos tentam produzir vínculos com os eleitores. “Essa prática encontra respaldo na nossa história evolutiva”, diz. A empatia, de acordo com De Waal, provavelmente evoluiu no contexto do cuidado parental, uma característica dos mamíferos. “Ele também desempenha um papel importante na cooperação. Uma leoa precisa notar rapidamente quando outra vai caçar, então ela pode se juntar ao grupo e contribuir para o sucesso da empreitada. Um chimpanzé macho precisa prestar atenção nas rivalidades e nos conflitos

de seu amigo para ajudá-lo sempre que preciso e, assim, garantir o sucesso político de sua parceria”, compara.

Além de seduzir o restante do bando — ou os eleitores — e criar vínculos, é preciso atacar os adversários. A pesquisadora lembra que essa é uma estratégia amplamente utilizada em campanhas, nas quais, muitas vezes, os candidatos passam mais tempo desqualificando o adversário do que apresentando suas ideias. É uma atitude típica, diz ela, do “macho dominante”. “Isso nos leva a denominar o espaço do horário gratuito de propaganda eleitoral um território de caça”, define. “Apesar de ter se tornado tão erudito, o homem não deixou de ser um macaco”, conclui a pesquisadora.

Grupos nacionais

A pedido do *Correio*, a pesquisadora Tatiana Gianordoli fez uma análise preliminar do comportamento de campanha dos três candidatos à Presidência com mais chances de vitória e seus grupos de apoio. Veja o que a pesquisadora diz sobre cada um deles:

Dilma Rousseff

“Faz parte de um grupo bem organizado, no qual o papel principal de liderança é reconhecido pelo grupo em Lula, não em Dilma. O grupo político/de apoio é forte e bem estruturado e ‘ataca’ em bloco a Marina, considerada, hoje, a maior ameaça. Nesse caso, nos parece claro dizer que, ao explorarmos nossas origens, encontramos nossa tendência biológica de nos submeter a um membro dominador do grupo (vide o líder do PT, Lula, que é o dominador do grupo). Somos, pois, marcados pela necessidade de conservarmos a presença de uma figura todo-poderosa que nos mantenha sob certo controle. Ainda que não haja armas bélicas, em nome de ‘estratégias eleitorais’, marqueteiros personalizam uma luta propriamente dita, valendo-se de todos os instintos (ditos) animais.”

Marina Silva

“Com a morte de Eduardo Campos, Marina ‘herdou’ a posição de liderança do seu grupo e é aí que começam os problemas, pois liderança não se herda. Tem-se ou não. A liderança tem que ser exercida de fato e, no caso de Marina, ela não exerce tal liderança sobre o grupo. Assim, o grupo fica fraco e não consegue ‘defendê-la’ apropriadamente. Mesmo que Marina Silva ganhe a eleição, esse problema provavelmente persistirá em seu governo. O perfil do líder é uma característica individual. Trata-se de uma herança biológica que leva duas pessoas a reagirem de formas diferentes quando submetidas a circunstâncias iguais.”

Aécio Neves

“No caso do PSDB como um todo, tanto Aécio, agora, quanto Serra, na eleição passada, são lideranças regionais de um grupo político que ficou sem liderança nacional devido à desconstrução (que, em termos biológicos, seria equivalente a ‘matar’ o líder do outro grupo), muito benfeita por Lula, da imagem de seu líder maior, Fernando Henrique Cardoso. Os grupos locais não se apoiam mutuamente, ou seja, o grupo de apoio de Minas não reconhece o líder do grupo de São Paulo e vice-versa. Diante disso, o grupo fica fraco e não tem conseguido ‘lutar’ adequadamente. Trata-se de mecanismos de proteção do próprio sistema, uma vez que aceitar indiscriminadamente a todos traz riscos ao grupo como, por exemplo, o de acolher um predador.”

